

QUEBRA DE TABU

“Nem passava pela minha cabeça ser adotada um dia”

A afirmação é de uma jovem de 21 anos que foi adotada aos 18, quando vivia em abrigo

« Aos 18 anos, a estudante Joice Rocha Lima não tinha mais esperanças de ser adotada. Ela morava em um abrigo na Grande Vitória, para onde foi já mais velha, carregando um passado que preferia esquecer. Mas, ao conhecer a dona de casa Cristiane Rocha, que trabalhava no local, a vida da jovem começou a mudar. Hoje, Joice tem 21 anos e, junto com a nova mãe, construiu uma relação que entrou para as estatísticas do Espírito Santo, nos casos de adoção tardia. “Se a pessoa tiver amor, é filha e acabou”, falou a mãe.

Cristiane contou que a aproximação entre as duas foi muito rápida no abrigo, quando Joice tinha apenas 15 anos. “Eu olhei para ela e falei que ela nasceu para ser minha filha”, disse a dona de casa. Mas, para que o sonho se tornasse realidade, a família teve que esperar três anos e lutar na Justiça. Cristiane, inclusive, precisou deixar o emprego no abrigo.

Aos 18 anos, Joice entrou de fato para o cotidiano da família. “Antes de conhecer a minha mãe, nem passava pela minha cabeça um dia ser adotada, pois eu só via crianças saindo do abrigo”, lem-



Joice hoje mora com a mãe Cristiane, os irmãos Asafe e Luna, que também foi adotada, e o pai Lee Aresson

brou a estudante.

Além da mãe, a jovem ganhou um pai e dois irmãos. O vigilante Lee Aresson Rocha Lima contou que a aproximação com a estudante foi acontecendo aos poucos. “Ela me procurava para eu conversar com ela, aconselhá-la. Nossa convivência foi se tornando maior e me acostumei com as atitudes e o jeito dela”, falou.

E essa não foi a primeira adoção da família, que já tinha a menina Luna, hoje aos oito anos, adotada quando tinha

FAMÍLIA COMPLETA

“Eu olhei para ela e falei que ela nasceu para ser minha filha. Se a pessoa tiver amor, é filha e acabou”

CRISTIANE ROCHA
MÃE DE JOICE

“Ela me procurava para eu conversar com ela. Nossa convivência foi se tornando maior e me acostumei com o jeito dela”

LEE ARESSON ROCHA
LIMA PAI DE JOICE

dois. O casal tem apenas um filho biológico, Asafe, de três anos, mas para Cristiane isso é o que menos importa.

NO ESTADO

No Espírito Santo há 146 jovens à espera de adoção e um total de 810 famílias habilitadas pela Justiça e que

estão na fila para adotar, conforme informações do Tribunal de Justiça Estadual (TJ-ES). O problema, segundo assistentes sociais, é que esses pais procuram crianças até cinco anos de idade.

De acordo com a juíza da 1ª Vara da Infância e da Juventude da Serra, Gladys Henrique Pinheiro, existem 80 casais estrangeiros habilitados para adoção no Estado. Moradores da Itália foram os que mais adotaram crianças nascidas no Estado. Em seguida vem os da França, dos Estados Unidos, da Espanha e da Bélgica.

Exigência de cor e idade diminuiu

« Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) revelam que os casais brasileiros selecionam cada vez menos a cor, o sexo e a idade dos filhos. Entre 2010 e 2014, a proporção de candidatos que só aceitavam crianças brancas caiu de 39% para 29%. Já a de casais indiferentes em relação à cor passou de 29% para 42,5%.

O número de famílias que aceitam crianças com três anos ou mais também aumentou. Em 2010, eram 41% do total de interessados; neste ano, são 51,5%. Segundo os especialistas, três fatores explicam essa mudança de perfil: a participação obrigatória dos futuros pais em cursos oferecidos por ONGs e varas de infância e juventude, o trabalho de grupos de apoio e a maior divulgação do processo.

OUTRA POSTURA

A mudança de postura dos pretendentes os aproxima de crianças que estão nos abrigos, já que a maior parte delas é negra e mais velha. “Demorou muito para dar resultado, mas, a cada ano, conseguimos conscientizar mais pessoas de que não interessa a faixa etária. Filho é para a vida inteira”, explica Reinaldo Cintra, juiz da coordenação de Infância e Juventude de São Paulo.

Das crianças que aguardam um lar, 78,5% têm mais de dez anos, 77% têm irmãos (logo, não podem ser privadas do convívio com eles) e 22%, alguma doença. No país, há atualmente 30,9 mil famílias na fila da adoção, para 5.456 crianças aptas, sendo 67% delas negras ou pardas.

COR

67%

negras ou pardas

Esse é o percentual nos abrigos, onde 78% têm mais de dez anos

Cabeleireira é madrinha em obra social

« Na última segunda-feira de cada mês, a cabeleireira Joyce Batista da Cruz, de 43 anos, e sua equipe de profissionais responsáveis pela beleza de suas clientes, deixam de lado a comodidade e segurança do salão, em Jardim Camburi, para cortar o cabelo e pintar as unhas das 180 crianças atendidas na Obra Social Gabriel Delanne, no bairro Novo Horizonte, em Cariacica. A madrinha – como muitas crianças a chamam – repete essa mesma rotina há 5 anos, apenas movida pelo

amor que sente pelos vários meninos e meninas.

CLIENTE EXIGENTE

Para os meninos, os cortes são os mais variados: tem desde o estilo Neymar até o moicano. Já as meninas são um pouco mais exigentes e querem unhas coloridas.

Um acerto aqui e outro ali, e o sorriso é evidente no rostinho dos pequenos. “Perco um dia normal de trabalho, mas o que ganho ajudando esse projeto social não tem preço. É um abraço, um beijo de uma

criança que vale muito mais que qualquer quantia”, orgulha-se.

Marleide Antunes, uma das coordenadoras do espaço, afirma que muitas das crianças não têm condições para pagar um salão e, por isso, o trabalho de Joyce e de suas assistentes é um grande presente para o projeto.

Além do salão de beleza, as crianças participam de aulas de música, fazem atividades físicas, pausa para o lanche e ainda sobra tempo para brincar. (Rafael José)



Joyce (esquerda) faz o trabalho na creche há 5 anos

GUILHERME FERRARI